

Dance
na Internet

Agora o jornal
sai completo

www.jornaldance.com.br

10
ANOS

Dance

DISTRIBUIÇÃO INTERNA E GRATUITA - Ano X - Nº 110 - OUTUBRO- 2004
EDITOR: MILTON SALDANHA - www.jornaldance.com.br - jornaldance@uol.com.br



Para amar y bailar?

Cuba, ora !



Parceria

Dance



EDIÇÃO
ESPECIAL

Revista Salsa Cubana



Revista Salsa Cubana surpreende, com 50 páginas, toda colorida, fino tratamento gráfico. Está no sexto ano, é trimestral, e editada pelo Centro de Promoção e Comunicação Salsa Cubana, em Havana. (537) 860-8263 / 862-0673 – salsacubana@egrem.cult.cu.

O melhor amigo do viajante é o mapa. Quem for dirigir por Cuba deve procurar adquirir o “Guía de Carreteras”, um completo mapa rodoviário, de bolso, editado pela Corporación Cimex. Contém quadros de distâncias, indicações de atrações e parques nacionais, serras, lagos, cabos, praias, arquipélagos, etc. E, claro, toda a teia de estradas principais e vicinais, que em geral são de boa qualidade, porque não são vítimas de excesso de caminhões e de peso de carga. Você vai rodar por longas distâncias com absoluta tranquilidade. Isso não dispensa, contudo, a necessidade de sempre confirmar se está na rota certa, com o cuidado de perguntar sempre para mais de uma pessoa. O povo em geral é simpático, acolhedor e atencioso, procura ajudar, mas como dizia o poeta Mário Quintana, “seguro morreu de guarda-chuva”. Outra dica: se alguém num cruzamento gritar por conta própria que você está indo para o lado errado, não dê bola. É um artifício manjado para você parar e ele tentar vender alguma coisa.



O jornal **Dance**, circulando há 10 anos, é mensal e distribuído gratuitamente nas principais instituições de dança, públicas e privadas, da Região Metropolitana da Grande São Paulo. Com tiragem de 10 mil exemplares, pode ser encontrado nas melhores academias, bailes, casas noturnas, festivais de dança, eventos, restaurantes e outros locais, inclusive não dançantes, como bares, padarias, lojas, etc. Está também completo na Internet.

Editor e jornalista responsável: Milton Saldanha (MTB. 3.419; matr. Sindicato dos Jornalistas 4.119-4). **Repórter Especial:** Rubem Mauro Machado (Rio de Janeiro); **Ilustrações:** Pedro de Carvalho Machado. **Fotos:** Milton Saldanha. **Colaboradores:** Alexandre Barbosa da Silva (diagramação); André de Carvalho Machado. **Impressão:** LTJ Editora Gráfica. **Reg. INPI:** 820.257.311. **Produção:** Syntagma Comunicação Social.

Endereço: Rua Pais da Silva, 60 - Chácara Santo Antonio/Santo Amaro, São Paulo/SP. CEP 04718-020.
Tels./Fax (11) 5182-3076 / 5184-0346 / 8192-3012
Site: www.jornaldance.com.br. (Parceira na Internet: Agenda da Dança de Salão Brasileira)
E-mail: jornaldance@uol.com.br

Proibida reprodução total ou parcial, exceto quando autorizada pelo editor. Nenhuma pessoa que não conste neste Expediente está autorizada a falar em nome do jornal.

Editorial

Pelos caminhos de Cuba

Durante 16 dias os repórteres do **Dance**, Milton Saldanha e Rubem Mauro Machado, rodaram de carro por Cuba, visitando Havana, Varadero, Praia Girón, Cienfuegos, Trinidad, Sancti Spiritus, Ciego de Ávila, Camaguey, Santa Clara, Viñales e Pinar del Rio.

O resultado da viagem é esta Edição Especial, produzida com a cooperação da Havanatur, muito bem estruturada empresa do turismo cubano, hoje representada em diversos países e também no Brasil, com escritório em São Paulo. Aqui, de maneira bem reduzida, em linguagem informal e leve, com textos que usam a primeira pessoa, como numa conversa com o leitor, você vai conhecer um pouco sobre a dança popular e a dança clássica em Cuba, tanto profissional como amadora. Terá dicas para aulas e sobre os mais importantes lugares onde acontecem shows animados e reluzentes, com palcos repletos de bailarinos. No final desses espetáculos os palcos se transformam em pista de baile. Descobrirá também que existe um inédito museu em Havana, só sobre dança. Parte da edição está dedicada ao turismo na ilha, hoje super bem estruturado, com uma rede de hotéis e resorts de alto padrão, que são verdadeira tentação em praias de areias brancas e macias, mar azul e águas deliciosas para banho, com temperaturas amenas. Como infelizmente nem tudo é festa, **Dance** ainda abre espaço para denunciar um problema que seus repórteres puderam conhecer de perto e lamentam muito: o bloqueio econômico contra Cuba praticado há 45 anos pelos Estados Unidos. Ainda que o assunto nada tenha a ver com dança, a medida em que os repórteres viajavam e se apaixonavam pelo interior de Cuba, vendo as dificuldades do povo, crescia em seus corações a convicção de que não poderiam se calar, ao contrário do que tem

feito a grande imprensa brasileira nestes anos todos. Você tem no **Dance** uma rara oportunidade de leitura esclarecedora, e a partir daí passará a ver os problemas de Cuba com outros olhos e principalmente com outros sentimentos.

O projeto original da viagem previa ainda as cidades de Morón, Cayo Coco, Las Tunas, Holguin e Santiago de Cuba, com uma esticada até a célebre Sierra Maestra. Com isso, teriam percorrido literalmente a ilha, de ponta a ponta. Ao chegar em Cuba os repórteres perceberam que o roteiro era ambicioso demais em relação ao tempo que dispunham. Reduziram a viagem e mesmo assim rodaram por mais da metade da ilha. Ao lado da imensa alegria da viagem ficou aquele gostinho de “quero mais” e a frustração de não ter visitado as outras cidades, principalmente Santiago de Cuba, que segundo todos os relatos é linda e se orgulha de sua hospitalidade, além de ser histórica. Aliás, é mais fácil perguntar o que não é histórico em Cuba, tanto em relação aos tempos coloniais, como aos períodos de antes e depois da Revolução.

As belezas e as delícias de Cuba superam qualquer expectativa. Dá uma vontade danada de voltar.

Se você costuma viajar pelo mundo, esqueça tudo o que já viu por aí. Cuba é diferente e muito especial. Só que tem um detalhe: é um país para turistas inteligentes, sensíveis e alegres, que gostem de música e dançar, apreciem História e arquitetura. Tenham, enfim, curiosidade cultural.

Bem, quem achar que isso não é importante, bastam belas praias, boa comida e ócio, também não terá do que se queixar. Por toda parte há belíssimos lugares para veraneio, e não importa a época do ano, lá é sempre verão.

Ou seja: existem “cubas” para todos os gostos. Todas para muito amar y bailar!



Milton Saldanha e Rubem Mauro Machado, em Havana: 16 dias de intensas emoções

Não esqueça, são 2 edições do Dance neste mês



Além desta Edição Especial (nº 110), neste outubro está circulando também a edição normal do **Dance** (nº 109), que destaca o 2º Congresso Mundial de Salsa do Brasil, que acontecerá em São Paulo de 12 a 15 de novembro, promoção da Conexión Caribe Cia de Dança. Outro destaque é a temporada em São Paulo, para dar workshops, de Danielle Areco, professora e dançarina brasileira de salão radicada nos Estados Unidos. E, além das diversas notas, muitas outras dicas sobre dança nos anúncios, que neste jornal também cumprem e complementam a tarefa de manter o leitor muito bem informado. Não perca!

O turismo é hoje a principal indústria de Cuba, à frente do níquel, do açúcar e do tabaco. O país recebeu no ano passado 1,8 milhão de turistas e a previsão para este ano é que este número chegue a 2 milhões. A permanência média dos turistas se situa entre sete e dez dias.



Edição Especial

Repórteres: Milton Saldanha e Rubem Mauro Machado. **Fotos:** Milton Saldanha e Divulgação. **Edição:** Milton Saldanha. **Paginação eletrônica:** Alexandre Barbosa. **Roteiros em Cuba:** Alberto Fernández Capaz, Nayat Sánchez Pi e Eleana Sarría López.

Agradecimentos

O jornal **Dance** se sente honrado pela parceria que iniciou com a Havanatur e agradece por todas as atenções e gentilezas que recebeu na agência brasileira e na matriz cubana. Pelo exemplar profissionalismo, parabéns e obrigado a Alberto Fernández Capaz, Pedro Alfredo Gutiérrez, Nayat Sánchez Pi, Isis Benavides Pérez, Norma Alemán Guerrero, Eleana Sarría López e Vera Berberian. O jornal agradece também a Francisco Ancona Lopez, da Ancona Lopez Publicidade, e à direção e funcionários da rede de hotéis Sol Meliá.

Casa de la Musica lembra nossa gafieira

Fotos: Milton Saldanha

Todas têm o mesmo nome – Casa de la Musica – e podem ser encontradas em Havana (três casas) e nas mais diversas cidades do interior. Lembram muito as nossas gafieiras, como a famosa Estudantina, no Rio, e o saudoso Som de Cristal, em São Paulo, que a turma mais antiga conheceu muito. Detalhe curioso e saboroso, que aumenta a semelhança, é que têm letreiro na entrada com regras de conduta, exatamente como nas nossas gafieiras. Na Casa de la Musica, fazendo jus ao nome, sempre tem música ao vivo e de CD. Mas o nome mais apropriado seria Casa de la Dansa, porque ali se baila muito, salsa e os mais variados ritmos cubanos, como o guaguancó, que eles gostam muito, com imperceptíveis diferenças para ouvidos leigos. O bolero também tem presença forte. Na Casa de la Musica se dança o mais autêntico e popular baile cubano. O hábito mais comum é formar uma roda de casino, mesmo entre casais que não se conhecem, improvisando um rápido ensaio, ali mesmo na pista, até dar certo. Em toda parte os cubanos adoram esse jeito de dançar em grupo.

Na Casa de la Musica predomina o público local, mas não se surpreenda se de repente chegar um grupo de turistas. Essa história de “lugar não turístico” é papo furado, só existe se a casa for ruim. Nenhum bom lugar, em nenhum lugar do mundo, despreza os dólares e euros dos visitantes... São sempre bem divulgados. Mas vale observar que em Cuba os agentes de viagens torcem um pouco o nariz para a Casa de la Musica, preferem indicar as boates e grandes casas noturnas do show bizz. Por causa disso a presença de turistas na Casa de la Musica será sempre bem mais rara. A maioria nem sabe que elas existem. Na bela cidade de Cienfuegos, por exemplo, participamos na Casa de la Musica de um baile 100% cubano, numa grande varanda, quase ao ar livre, rolando direto gostosa salsa. Metade da iluminação vinha do céu estrelado e da lua cheia.

Nem adianta chegar cedo. Os cubanos adoram a noite. São quase 11pm e a casa está vazia. Dá a impressão de fracasso. De repente começa



Casa de la Musica no bairro Miramar, em Havana: há diversas em Cuba, com bailes populares



Casa de la Musica de Camagüey, cidade do interior, numa noite de pouco movimento

a chegar todo mundo. Meninos e meninas bem arrumadinhos, com aquele jeito de quem acabou de sair do banho. Estavam em casa recarregando as baterias, porque a balada é agitada, exige boa dose de energia.

Primeiro e invariavelmente rola um show, com cantores. Nessa hora não se dança na pista, mas alguns casais ensaiam alguns passos discretos nos cantos e mesas de fundos. Depois do show liberam o baile, a pista fica cheia e... animadíssima! Não sabemos se foi sorte, mas a equipe do **Dance** (Milton, Rubem e Sandra) só encontrou ótimas bandas, principalmente em Camaguey, bem no centro do país, a 533 quilômetros de Havana. Nossa equipe se esbaldou em “La Trova”, que não faz parte da rede Casa de la Musica mas é muito parecida, com baile a céu aberto, a propósito comuns em muitos lugares, pois lá é verão o ano todo e as noites são gostosas, muito parecidas com aquelas do nosso Nordeste. Por isso nossa equipe lamentou muito quando, mesmo em raras noites, exausta das atividades do dia e com a perspectiva de acordar cedo para cumprir agenda ou seguir viagem, tinha que desistir da balada.

Cubanos e turistas pagam pouco na Casa de la Musica. Um peso para cubanos, três dólares para nosotros. O ingresso geralmente dá direito a uma Tu-Kola, a Coca-Cola cubana, uma garrafa de rum, muito gelo e limão, para que cada um prepare sua própria Cuba libre, que lá nunca saiu de moda, bebe-se em toda parte, além do mojito e a deliciosa piña colada geladina, que pode ser pedida com ou sem álcool. E dê-lhe salsa. Querem saber? É impossível não dançar.

Sugestão: Casa de la Musica Egrem. 20 esquina c/35. Tel. (7) 204-9898. Todos os dias, 22h às 3h, com orquestra. Confirme.

O desenvolvimento da medicina cubana faz com que o país seja procurado por um tipo diferente de visitante: os que buscam tratamento para determinados males. Ficou especialmente famosa a romaria dos doentes de vitiligo, que provoca grandes manchas brancas na pele.

É Cuba ou Bahia?

Impressionante a semelhança de Havana, principalmente em certos pontos do Malecón, a longa avenida beira mar, com a Bahia. No estilo de cidade, na aparência das pessoas, no jeito de caminhar com uma certa preguiça que o calor impõe. O povo cubano é extremamente parecido com o povo brasileiro. Se fosse possível padronizar a língua e encostar a Ilha de Cuba (é nome oficial, sim) com a Bahia, não tenham dúvidas, no dia seguinte todos estariam dançando juntos nas ruas sem ninguém saber quem é cubano ou baiano. Seriam denunciados, talvez, pelo balanço da salsa, de uns, e do samba e axé, de outros.

Ao visitar numa tarde de calor sufocante a Associação Yorubá, para ver uma liturgia afro, com batuque, dança e pessoas vestidas de branco, prestando homenagem aos seus protetores negros, mais do que nunca nossos repórteres se sentiram na Bahia. A semelhança é total também na força irreprimível do sincretismo.

Essa semelhança contribui para ampliar a identidade entre brasileiros e cubanos. Só faltam dois detalhes: que a gente goste de beisebol, que em Cuba chamam de pelota. E que eles gostem de futebol.

Associação Yorubá é boa opção para cursos de danças

Há diversas opções para fazer cursos de danças populares em Cuba. Para os interessados apenas em salsa e outros ritmos caribenhos o jeito mais simples é ir numa das Casa de la Musica (há várias no país) e fazer contatos. Sempre há professores disponíveis para grupos ou aulas particulares. A desvantagem, para efeito de currículo, é que isso é muito informal.

Para quem busca algo mais formal, que possa apresentar depois como referência, e esteja interessado em ritmos variados, inclusive afros, além da salsa, uma sugestão é procurar a Associação Cultural Yorubá de Cuba, em Havana. Trata-se de um espaço cultural dedicado ao sincretismo (fusão religiosa) e que trabalha com variadas manifestações artísticas, principalmente aulas de dança, percussão, pintura e modelagem. A principal especialidade é o afro-cubano. Os cursos em geral duram uma semana, com direito a almoço no restaurante do Centro, especializado em comidas cubanas e africanas. No final os participantes recebem certificados.

A Associação Yorubá, que existe há quatro anos, funciona o ano todo e freqüentemente tem formado classes de dança folclórica, cha cha cha e salsa. O presidente da entidade, Antonio Castañeda Márquez (Babalawo), garante que seus 12 professores são de alto nível, graduados na ENA - Escola Nacional de Artes. Os interessados podem montar grupos específicos, de interesse direto, de qualquer ritmo. Todos os cursos são teóricos e práticos. Começam sempre pela parte teórica, com pelo menos uma conferência. O curso de salsa é o mais procurado, sobretudo por europeus da Itália, Espanha e França. Esses grupos em geral variam entre 15 e 20 alunos. A média mensal de alunos cubanos é em torno de 60 a 70 pessoas.

O próprio prédio da Associação Yorubá, de 1900, é uma atração. Vale a pena a visita, mesmo que não faça algum curso. Abriga tenda de artigos religiosos e CDs, muitos deles raros; biblioteca; galeria de arte com exposições periódicas. Mas sua principal atração é um impressionante museu do sincretismo, com imagens em

madeira de dezenas de divindades que integram a riquíssima mitologia africana, quase todas sincretizadas com algum santo ou santa do catolicismo, forma hábil que os negros escravos encontraram no passado para lidar com a intransigência religiosa dos brancos e padres catequizadores.

Prado, 615 – entre Montes y Dragones, Habana Vieja. 863-5953 / 7415 / 7660. Fax 863-7484. www.cubayoruba.cult.cu – asyoruba@cubarte.cult.cu.

O grande herói de Cuba é José Martí (1853-1895) e estátuas suas espalham-se por todas as cidades. Mistura rara de pensador e homem de ação, começou a lutar na guerra de independência contra os espanhóis aos 16 anos. Poeta e escritor, suas obras completas chegam a 72 volumes. Morreu em combate.

Havanatur do Brasil, el especialista de Cuba. Sua melhor opção.



Nossos preços INCLUEM: passagem aérea SAO/HAV/SAO, voando CUBANA de AVIACIÓN, 6 noites de hospedagem com café da manhã, todos os transfers, seguro assistencial. Consulte opções com LLOYD AEREO BOLIVIANO e COPA AIRLINES. Consulte nossos preços para crianças.

ALTÍSSIMA TEMPORADA
22/12/2004 a 02/01/2005

ALTA TEMPORADA
01/11 a 10/11/2004
03/01 a 28/02/2005
19/03 a 27/03/2005

BAIXA TEMPORADA
12/11 a 21/12/2004
01/03 a 18/03/2005
28/03 a 30/04/2005

HAVANA 6 NOITES

Hotel ST. JOHN'S com café da manhã.
Inclui cortesia City Tour em Havana.

A partir de

US\$ 985 US\$ 985 US\$ 1.070
(baixa) (alta) (altíssima)

VARADERO 6 NOITES

Hotel INTERNATIONAL com café da manhã.

A partir de

US\$ 1.067 US\$ 1.113 US\$ 1.290
(baixa) (alta) (altíssima)

HAVANA e VARADERO 6 NOITES

3 noites em Havana no Hotel NEPTUNO e 3 em Varadero no Hotel ACUAZUL com café da manhã

A partir de

US\$ 974 US\$ 974 US\$ 1.094
(baixa) (alta) (altíssima)

Consulte seu agente de viagens ou:



Av. Ipiranga, 104 - 22º andar - Conjunto 224
CEP 01046-010 - São Paulo - SP

Tel. 11 3237-4811

Fax 11 3159-3695

gerencia@havanatur.tur.br

Circuito CLAVE DE SOL 6 NOITES

(Cultural) visitando Pinar del Rio, Cienfuegos, Trinidad e Varadero.

Hospedagem, refeições e tours conforme programa.

A partir de

US\$ 1.320 US\$ 1.515 US\$ 1.650
(baixa) (alta) (altíssima)

Circuito TERRA, CHARUTO e SOL 6 NOITES

Visitando Pinar del Rio, Cienfuegos, Villa Clara, Trinidad e Varadero. Hospedagem, refeições e tours conforme programa.

A partir de

US\$ 1.315 US\$ 1.380 US\$ 1.570
(baixa) (alta) (altíssima)

Preços por pessoa em apto. duplo, categoria Turística. Os valores em US\$ serão convertidos em R\$ ao câmbio turístico do dia do fechamento do pacote. Tarifas sujeitas a reajuste sem prévio aviso. Taxas de embarque não incluídas. Hospedagem conforme hotéis mencionados. Saídas de São Paulo. Lugares sujeitos a disponibilidade. Consulte condições específicas para cada pacote, junto à Havanatur.

Consulte também aluguel de veículos,
organização de eventos,
congressos e viagens de incentivo.



www.havanatur.tur.br



Promove Dia 19/11

Baile da Amizade Banda Br3

Jantar Dançante
(Opcional)

2 Saladas Montadas (Crocante e Sensar)
Massa Torteloni quatro queijos
Sobremesa: Sorvete com calda de chocolate

Dia 19/11 (sexta-feira)
Horário: 21:00 às 03:00 h
Local: Brazeiro Buffet
Rua Amborés, 180/186
Vila Guarani
São Paulo- Zona Sul
Estacionamento na porta com manobrista

DJ LA LUNA (nos intervalos)

Personal Dancers

Apoio: *Eliane e Dulce Promoters*

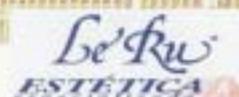
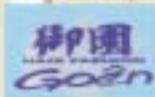
Cia La Luna

Cia Brasileira de Dança (Ricardo Liendo)

Convites à venda pelo telefone 5063-3734

www.revolutioncompany.com.br

Patrocinios:



2º Congresso Mundial
de Salsa
São Paulo - Brasil - 2004

NOVEMBRO
12,13,14 e 15

60 WORKSHOPS
Todos os estilos e níveis de Salsa
Ritmos Brasileiros

3 GRANDES BAILES

Djs E DANÇARINOS INTERNACIONAIS

30 APRESENTAÇÕES DE DANÇA

Workshops - Bailes - Shows	Informações
CLUBE DE REGATAS TIETÊ Av. Santos Dumont, 843 / Santana-São Paulo	www.salsacongress.com.br 11 3021.1785 / 9303.9668

Apoio:

Realização:

AGENDA



Principais eventos de dança e música

IX Festival Internacional de Ballet de Havana

19 a 28 de outubro – Gran Teatro de Havana
Direção: Alicia Alonso
Tel. (537) 552948
bnc@cubarte.cult.cu

Prêmio de Composição Musical Casa de las Américas

25 a 29 de outubro – Casa de Las Américas – Havana
Direção: Maria Elena González
Tel. (537) 552706 / 09
musica@casa.cult.cu

Salson Jardines Del Rey Festa da Música Cubana

8 a 15 de novembro
Ciego de Avila
Direção: José Castro
Tel. (5333) 302108
musicacc@enet.cu

Fiesta del Tambor (música)

12 a 16 de novembro – Teatro Amadeo Roldán – Havana
Direção: Alexis Vázquez Aguilera
Tel. (537) 2047667
mp@cubarte.cult.cu

Festival Internacional de Varadero (música)

17 a 21 de novembro – Varadero
Direção: Alexis Vázquez Aguilera
Tel. (537) 2047667
mp@cubarte.cult.cu

Festival de Raíces Africanas “Wemilere”

23 a 30 de novembro – Guanabacoa
Direção: Ada Rosa Alfonso Rosales
Tel. (537) 979187 / 979776
dmcgboa@cubarte.cult.cu

Festival Internacional de Jazz – Jazz Plaza 2004

13 a 19 de dezembro -Teatro Amadeo Roldán – Havana
Direção: Roberto Chorens Dotres
Tel. (537) 662686
cnmc@cubarte.cult.cu

Taller Académico de Danza (balé)

27 de dezembro a 2 de janeiro
Centro de Promoción de la Danza Havana
Direção: Laura Alonso
Telfax (537) 2608610
prodanza@cubarte.cult.cu

Festival Internacional de la Trova Pepe Sánchez (música)

15 a 19 de março 2005 – Casa de la Trova – Santiago de Cuba
Direção: Eliades Ochoa
Tel. (5322) 641998
cpmusica@cultsgo.cuh.cu

Encuentro Internacional de Academias para la Enseñanza del Ballet

5 de abril / 2005 - Escola Nacional de Ballet - Havana
Direção: Marta Ulloa
Tel. (537) 2023330
ena@cubarte.cult.cu

Festival Internacional de Música Popular Benny Moré

5 de setembro / 2005 – Cienfuegos
Direção: Issac Delgado
Tel. (537) 8309972
icm@cubarte.cult.cu

Festival Internacional de Coros

5 de novembro / 2005 – teatros Santiago de Cuba
Direção: Electo Silva
Tel. (5322) 670752
cpmusica@cultsgo.cult.cu

Baile de Tango

Livi Bianco Produções convida: Baile de Tango. Dia 25 de outubro, segunda-feira, 21h. No Bastidores, rua Canuto do Val, 97 – Santa Cecília. Música ao vivo e DJ, com tango, bolero, seresta.
Tels. 3219-0126 / 3224-0586 ou 3338-2525.

SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA



Noite Internacional do Tango Orquestra – Cantores - Bailarinos

Theatro São Pedro
26 de novembro, Sexta-feira
21h – R\$ 30,00

Organização: Nelson Lima, Carlos Estevez e Pablo Scanavino

Rua Barra Funda, 171 – São Paulo (SP)
Vendas de ingressos na bilheteria do teatro. Tel. 3667-0499,
de quarta a domingo, das 14h às 19h.
Informações: (11) 3858-2783 / 5017-7859 / 3826-8728

dach
departamen
to de arte
s e ciênci
as humanas

Importante Comunicado

A Federação de Dança do Estado de São Paulo está convocando todos os professores, e artistas da dança, para uma reunião aberta onde a pauta será os syllabus de gafieira. O processo já foi iniciado e definido os nomes dos syllabus

Agora estaremos detalhando de maneira democrática a técnica que os formata.

Para tanto acessem o site www.federacaododanca.org.br e entrem nos syllabus

Com a referência dos nomes todos terão a liberdade de estar detalhando os passos.

Faça parte de um ato legítimo em prol de sua cultura participe.

Prazo máximo de entrega no dia 10/11/2004 durante a reunião. Materiais enviados antecipadamente terão prioridade de análise

informações e envio de material:

Danielle Areco | (11) 5561-4520 / 9973-3379 / daniareco@yahoo.com

Regina Menezes | (11) 3207-8669 / federacaododanca@federacaododanca.org.br

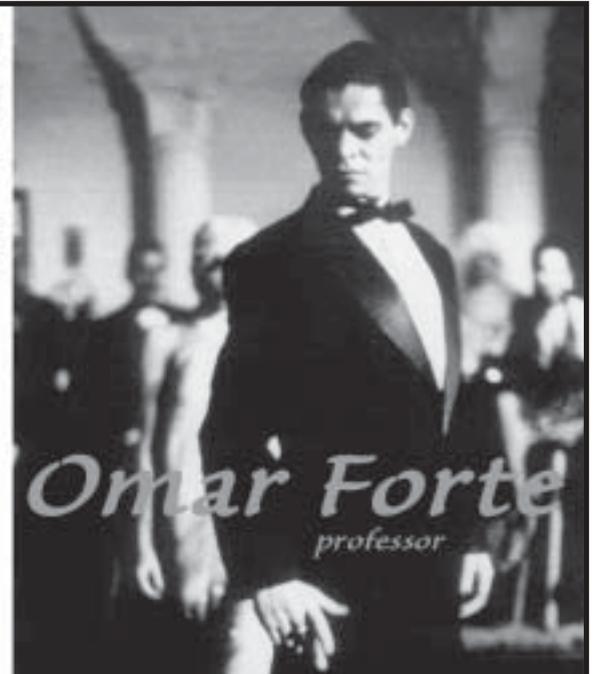
Local Av. Rangel Pestana 1.105 - 6º andar - sede da Federação de Dança Dia 10/11/2004 às 13:00hs - 4ª feira

TANGO B'AIRES

• Academia Tango B'Aires
Principiantes e Intermediários
6ª feira - das 19:30 às 21:00 hs
Rua Dr. Amâncio de Carvalho, 23
Vila Mariana - Fone: 5575 6646

• Cooperativa de Dança
Carla Salvagni
Principiantes
2ª feira - das 19:30 às 21:00 hs
Intermediários e Avançados
2ª feira - das 21:30 às 22:30 hs
sábado - das 15:00 às 17:00 hs
Avenida Lavandisca, 662
Moema - Fone: 5052 9443

Aulas particulares
Shows e Eventos
fone 5575 6646
cel. 9258 5270



Cia. Ballet Espanhol arrasa no exterior

Fotos: Milton Saldanha



As bailarinas durante ensaio e no destaque o coreógrafo Eduardo Vertia

Os moradores de Havana não precisam viajar ao exterior para assistir a espetáculos como *O fantasma da Ópera*, *Carmen* ou *A casa de Bernarda Alba*, musical inspirado na peça do poeta espanhol Garcia Lorca. A Companhia Ballet Espanhol de Cuba, fundada em 1988, traz ao longo do ano sua versão de alguns dos melhores musicais internacionais para a degustação dos habaneros, que é como se chamam os habitantes da capital. Mas também não se esquece de prestigiar as obras de autores cubanos, permitindo uma constante renovação do fluxo criativo.

Sob a direção artística de Eduardo Vertia, na companhia desde 1993, onde ingressou como bailarino e coreógrafo, o grupo caracteriza-se pelo ecletismo, participando desde espetáculos de balés clássicos a apresentações de flamenco, danças folclóricas e modernas.

O Ballet apresenta-se seis vezes ao ano, em temporadas de uma a duas semanas, no Gran Teatro de La Habana, um dos mais bonitos monumentos arquitetônicos da capital - no estilo barroco sem similar que os cubanos inventaram, com a fachada toda trabalhada em volutas e pequenas sacadas enfeitadas por anjos e musas de pedra - construção que ajuda a tornar o Parque

Central, que também abriga antigos hotéis, como o Inglaterra, ponto de visita obrigatória para qualquer turista.

O balé do teatro funciona também como escola, preparando seus versáteis bailarinos, em geral vindos de outras escolas, em cursos de três anos de duração, com aulas diárias que começam às 9 horas e se prolongam até as 19. Atualmente conta com 28 alunos, que recebem uma subvenção do Estado, que paga igualmente os salários de seus 27 bailarinos. Três vezes ao ano, a companhia excursiona pelo interior do país. Viaja também todos os anos ao exterior, para apresentações em países como México, Colômbia, Guatemala, Espanha e Costa Rica. Curiosamente, o grupo ganhou recentemente na Espanha um concurso de dança espanhola. Mas talvez não por acaso, Vertia, formado pelo Ballet Nacional de Cuba, fez parte de sua formação em Madri. E, por ocasião da visita da reportagem ao teatro, ensaiava um espetáculo com clássicos da música espanhola que estrearia no dia seguinte.

- É sagrado para nós montar pelo menos um espetáculo novo a cada ano, quase sempre coreografado por mim, que acrescentamos a nosso repertório - explica Vertia. Ele garante ter sempre casa cheia o ano todo, ajudado pelos preços acessíveis.

Ecletismo destaca o Balé da TV

Na manhã quente de uma quarta-feira, num antigo casarão do centro de Havana, Cristy Dominguez Perez acompanha, atenta e com evidente orgulho, os jovens bailarinos e bailarinas que se exercitam vigorosamente sob as ordens de um coreógrafo. Aos 64 anos, essa ex-bailarina, alegre, irrequieta e vaidosa, tem a responsabilidade de comandar o Balé da Televisão cubana, grupo encarregado de fornecer pessoal e montar espetáculos para todos os programas musicais da tela pequena.

Para um brasileiro pode soar um pouco estranho que um único grupo monte espetáculos para diferentes canais. Mas é bom lembrar que em Cuba todos os canais são estatais e portanto não concorrem entre si, no sentido comercial, e tem lógica haver uma base comum para todos os shows.

A TV em Cuba começou, como no Brasil, no início da década de 50. O Balé da Televisão nasceu sob o comando e inspiração de dois grandes coreógrafos, Alberto Alonso e Luiz Trapaga, e hoje é um dos principais objetivos profissionais, ao lado de três grandes grupos clássicos - o de Alicia Alonso, o Ballet de Camagüey e o Prodanza - dos bailarinos de um país que tanto cultiva a dança em geral e o balé em particular.

Cristy explica que o Balé da Televisão caracteriza-se pelo ecletismo e trabalha com a técnica básica clássica, mesclada com elementos do folclore e de danças populares. Seus 180 integrantes, entre rapazes e moças, têm em geral entre 18 e 25 anos e provêm das diferentes escolas de dança espalhadas por toda a ilha, onde ingressam por volta dos nove ou dez anos. Sob a direção de cinco coreógrafos permanentes, eles têm uma rotina dura mas gratificante: pela manhã fazem aula, à tarde ensaiam as diferentes coreografias. Ao ingressarem na companhia, os jovens profissionais ganham durante dois anos um salário de 148 pesos cubanos, recebendo depois aumentos gradativos, que podem elevar o salário a até 690 pesos, considerado bom para os padrões do país.

Atualmente o Balé apresenta-se em dois programas musicais de grande sucesso na televisão cubana, Expresso e Sábado Especial, além de participar de filmes e realizar excursões pelo exterior: naquele dia uma turma estava chegando da Alemanha.

- Precisamos ser tão bons que as pessoas não queiram sair de casa para nos assistir - diz Cristy. Pelo jeito, eles conseguem isso, com talento e dedicação.

Cuba já! Vai começar o Festival Internacional de Balé

Foto: Divalgarção



O Gran Teatro de La Habana, marco arquitetônico e sede do Festival de Ballet

Bailarinos, coreógrafos e diretores de diversas partes do mundo, inclusive do Brasil, vão se encontrar em Havana de 28 de outubro a 6 de novembro, como participantes e/ou espectadores do IX Festival Internacional de Ballet de La Habana, evento do Ballet Nacional de Cuba, dirigido por Alicia Alonso. O festival será no Gran Teatro de La Habana, que está passando por diversas reformas para estar em perfeitas condições até o final do mês.

O Gran Teatro de La Habana, em prédio que é uma das atrações arquitetônicas do centro de Havana, abriga a Sala Garcia Lorca, onde acontece o evento, com companhias completas e solistas de prestígio, tanto cubanos como visitantes.

A Havanatur do Brasil preparou pacotes para o Festival Internacional, com preços bem variados, incluindo passagem aérea, traslado

aeroporto-hotel-aeroporto, ingressos para determinados espetáculos, visita ao Museu da Dança (com transporte), conferência sobre o tema "A Dança em Cuba", por historiador do Ballet Nacional de Cuba, etc. Os preços variam de US\$ 1025,00 a US\$ 1610,00. Há 12 opções de hotéis, com 3, 4 e 5 estrelas, individual ou para duas pessoas. Dois desses hotéis são históricos, o Nacional e o Habana Libre, e oferecem todo o conforto, além do charme de se hospedar sob as mesmas paredes que acolheram grandes mitos mundiais. No caso do Habana Libre, além dos muitos famosos que já passaram por ali, quando ainda pertencia à rede internacional Hilton serviu de QG para as forças revolucionárias que ocuparam Havana.

Para contato com a Havanatur do Brasil consulte anúncio na página 4.

Cristóvão Colombo ao chegar a Cuba declarou: "Esta é a terra mais bonita já vista por olhos humanos".

Os sinais da dança estão por toda parte em Cuba. Por exemplo, a famosa sorveteria Coppel, no Centro de Havana, ganhou esse nome inspirado na clássica peça de balé.



Cristy Dominguez Perez dirige o Balé da TV, que tem uma rotina de ensaios muito intensa



Uma noite no Tropicana, o cabaré símbolo da noite cubana

Fotos: Milton Saldanha

Pois é, sempre ouvimos falar da boate Tropicana. O que você imagina? Certamente um amplo salão com mesas de toalhas brancas decoradas com abajures ou castiçais, na frente de um grande palco com aqueles holofotes no teto. No fundo, um american-bar. Certo? Erradíssimo. La Tropicana é uma grande surpresa. Pra começo de conversa, é tudo ao ar livre. Parece mais um grande parque, e essa imagem não está errada, porque fica mesmo no meio de um parque. É o mais famoso cabaré de Cuba desde sua abertura, em 1939, com o nome oficial de Tropicana Cabaret Night Club. Seu lema é “Un paraíso bajo las estrellas”, que dispensa tradução.

As mesas estão dispostas em diversos planos, numa ampla área semi-circular que comporta umas duas mil pessoas. Além do palco principal, há diversas plataformas na encosta de uma colina, onde de repente surgem bailarinos e bailarinas executando performances sob efeitos de som e luz. O show tem uma parte circense, com ginastas de alta categoria, e na maior parte do tempo entra o balé, em alguns momentos com quase cem figuras em cena, cantores e cantoras em diferentes pontos. No alto, dominando tudo, uma completa e excelente orquestra, de dar água na boca, daquelas que deixam a gente com muita vontade de dançar.

O Tropicana é muito caro, de 65 a 85 dólares por pessoa, com direito a algum tipo de bebida e pratinho de tira gosto. Se quiser fazer fotos terá que pagar mais US\$5,00. Mesmo assim está sempre cheio, 99% turistas, nas suas noites de terça a domingo, das 21h às 2h. Apesar do mega espetáculo, o público reage com frieza na maior parte do tempo, aplaude pouco, e isso chega a ser irritante porque esquecem que são artistas que estão ali fazendo seu trabalho, a maior parte com grande competência. Mesmo com todo o esquema turístico, é sempre uma emoção entrar no Tropicana, uma lenda da noite de Havana. Se estiver disposto a gastar, vá conhecer. Terá com certeza boas horas de movimento entretenimento.

72 e/41 y 45, Marianao. Tels. (53 7) 661717 / 267-0110 ou 267-1717. Você pode solicitar reserva no balcão de atendimento turístico do hotel. Se no seu hotel não existir, basta ir num dos grandes hotéis mais próximos.

Refinamento e diversão em La Giraldilla

Você está em Havana, deseja fazer um jantar elegante, à luz de velas e com copos de cristal, num salão finamente decorado em estilo mourisco? E depois dançar ritmos *calientes* ao ar livre até o dia amanhecer, ao som de ótimas orquestras? Então com certeza seu destino é o Complexo Turístico La Giraldilla, situado em La Lisa, um dos bairros da capital.

O complexo, cuja construção principal data de 1925, é formado por dois restaurantes, piscina e uma enorme discoteca ao ar livre. Uma refeição, com o melhor da cozinha internacional, sai por cerca de 25 dólares e a entrada da discoteca custa 15 dólares, com direito a uma garrafa de rum para cada mesa. Aos sábados existe a tradição de se assar um búfalo inteiro, ao lado da piscina, para grupos especiais.



O cabaré Tropicana foi inaugurado em 1939 e funciona todas as noites, quase sempre lotado, com grande número de turistas

Balada rica e variada. Difícil é escolher onde ir

Havana ferve dia e noite. Durante o dia é só caminhar por La Habana Vieja e ir achando ao acaso seus bares ao ar livre, com música nas calçadas ou em jardins internos dos belos prédios herdados da arquitetura espanhola, com fontes e adornos. Para a noite, as opções são estonteantes. Você pode ir assistir a shows musicais, dançar numa das Casa de la Musica, ou boates, e até mesmo fazer uma caminhada na madrugada, com absoluta segurança, ao longo do Malecón, na orla marítima, onde encontrará muitos cubanos curtindo.

Uma boa sugestão é começar a noite com um jantar à luz de velas, som de piano e violino, no restaurante Sierra Maestra, no topo do Hotel Habana Libre, bem no Centro. Lá no alto está a mais bela vista da cidade, em todos os ângulos. Não se assuste, os preços são encaráveis. **Dance** percorreu muitos lugares, seguindo roteiros pre-

viamente montados pela equipe da Havanatur.

O campeão dos imperdíveis é a boate Parisien, no Hotel Nacional. Vá lá que seja turístico, isso é o de menos, mas você não pode voltar de Havana sem ter conhecido não só a boate, mas principalmente o hotel, lindíssimo e repleto de lendas. Na boate rola um show tipicamente internacional, com cantores, brincadeiras com o público, muita dança. No final o palco vira pista de dança por cerca de duas horas.

No Macumba Habana não espere nada espiritual. É só o nome. É uma ampla casa, com show, desfile de modas, dança. Em certas noites DJ, em outras bandas. Ambiente mais simples. Sem um guia cubano fica difícil de achar.

No Habana Café, anexo ao Hotel Meliá Cohiba (avista-se do Malecón), o show é mais simples, mas muito simpático. Depois a dança rola legal. A decoração é dominada por um avião

pendurado no teto e dois reluzentes carros dos anos 50 parecendo zero km.

Turquino, no Hotel Habana Libre, é barulhento e só atende ao gosto da garotada que curte bate-estaca. Se você não tem 16 anos, fuja.

Na Marina Hemingway, distante, na saída da cidade a caminho do porto de Mariel, há barzinhos com música e dança, com vista para o canal repleto de lanchas e iates.

O La Maison é show. Vale a visita. Com frequência apresentam desfiles de moda.

Em suma, seria impossível falar de todos aqui em detalhes. Ficam aí só algumas sugestões. Mas lembre-se que nas boates com shows o tempo para dançar fica mais restrito, se esta for sua intenção.

A lista de sugestões, na página 10 é para ajudá-lo em suas incursões pela agradável noite de Havana. Sempre consulte a programação antes de sair. Bons périplos!



Decoração arrojadada, dançarinas bonitas e intensa movimentação marcam a noite e os espetáculos das boates cubanas

O Ballet Nacional de Cuba e Alícia Alonso, a eterna mestra

Fotos: Milton Saldanha



Um dos óleos que retratam Alícia Alonso no Museu Nacional da Dança

É impossível falar de dança em Cuba sem falar em Alícia Alonso. Ela não é apenas a primeira dama do balé cubano. É a eterna mestra. Até hoje em atividade intensa, no comando do Ballet Nacional de Cuba, Alícia foi sempre um rochedo de integridade, cultura e coragem. Já famosa e consagrada em seu país desde 1943, e inconformada com a ditadura do tirano Fulgêncio Batista, como protesto asilou-se em Nova York. Ficou deliberadamente três anos sem dançar em Cuba. Só voltou com o triunfo da Revolução, em 1959. Parte da sua história está no Museu Nacional da Dança, que não pode deixar de ser visitado.

Alícia ficou cega em 1941, quando era uma jovem bailarina na rota de extraordinária carreira. Nem por isso abandonou as sapatilhas e os palcos. Ela era auxiliada apenas a se posicionar para entrar em cena. Logo em seguida tomava o palco com desenvoltura e impecável domínio do espaço. Para não se acidentar, nos ensaios decorava a marcação com todos os números de passos que o palco comportava. Nos seus espetáculos, quem não soubesse que era cega não acreditaria.

Casada com Fernando Alonso, outro grande nome do balé, tinham uma escola particular de dança, que atendia

em sua maioria mocinhas de famílias ricas, que entravam no balé por modismo, sem ambições de carreira. Era o Ballet Alícia Alonso.

Quando tudo começou a mudar em Cuba, nem o balé ficou esquecido. Certa manhã bateram na porta e Laura Alonso, então com 12 anos, filha do casal (hoje com escola própria e coreógrafa do Cuballet), levou um susto. Era o próprio Fidel Castro, fardado, sozinho. Pediu para falar com Fernando e foi direto ao ponto: "Vocês querem fazer um balé cubano, não é? Quanto precisam ganhar para isso?" O ainda incrédulo Fernando pensou um pouco, fez umas continhas, e apresentou um valor. Fidel respondeu: "Pago o dobro. Mas tem que ser bom!" Nasceu assim, naquela manhã, o Ballet Nacional de Cuba, hoje uma referência internacional.

Nestes anos todos o Ballet Nacional de Cuba, que já se apresentou no Brasil, inclusive em gala do Festival de Joinville, já dançou pelos mais diversos países do mundo. O sonho de entrevistar Alícia Alonso, por exemplo, frustrou-se porque a chegada dos repórteres do **Dance** em Cuba coincidiu com turnê da companhia pelo exterior.

Funciona no Gran Teatro de La Habana, no Centro da cidade.

Ballet de Camagüey é o maior exemplo do amor de Cuba pela dança

É impossível não se emocionar. Assim que você cruza o grande portão de entrada do Ballet de Camagüey, instalado numa verdadeira mansão dos anos 50, rodeada por jardins, começa a entender que o amor dos cubanos pela dança, todas as danças, é muito acima do que se possa imaginar. O Ballet de Camagüey, fundado em 1966 por Vicentina de La Torre, inicialmente para crianças, é um exemplo para o mundo e principalmente para o Brasil. Enquanto aqui só temos uma única companhia profissional de clássico, no Rio de Janeiro, Cuba tem seu segundo grande balé profissional, de clássico e contemporâneo, bem no centro do país, numa região agro-industrial, a 533 quilômetros de Havana. Ou seja, em tese seria um local pouco provável para isso, já que a tendência natural é a concentração na capital. No entanto, o Ballet de Camagüey, atualmente dirigido pela jovem ex-bailarina Regina Balaguer Sánchez, tem 45 bailarinos profissionais, sendo 34 moças e 11 rapazes. Eles, como nas demais companhias, têm uma rotina puxada de exercícios e ensaios, sob o exigente e altamente qualificado comando de Marilyn Rodriguez, que segundo Regina "é a maior ensaiadora de Cuba".

A companhia também tem realizado turnês pelo exterior. Esteve no Brasil em 1990, por um mês, passando por São Paulo, Rio, Curitiba e Belo Horizonte. Voltou ao Rio, em 1999, para participar do projeto "Dançando para não Dançar", voltado para crianças carentes. Suas peças mais importantes, montadas completas, foram Coppélia, Giselle, La Fille Mal Gardée, e as contemporâneas Carmen e Saerpil.

Os primeiros bailarinos do Ballet de Camagüey são o bailarino Leoannis Pupo e a bailarina Sinchien Ávila Fong.

Carretera Central, 331, Camagüey. Telfax 296535. E-mail: ballet@pprincipe.cult.cu.



Regina Balaguer Sánchez dirige o Ballet de Camagüey



Primeiros bailarinos Leoannis Pupo e Sinchien Ávila Fong, no jardim do Ballet



As bailarinas, todas profissionais, são maioria em Camagüey



O Cuballet, balé cubano hoje exportado para vários países, inclusive o Brasil, onde é realizado anualmente pelo Espaço Cultural Eldorado, de São Paulo, leva em conta a anatomia do bailarino latino-americano e as características típicas da sua expressão corporal. Fala nossa linguagem e não tem afinidades com a neve e sim com a areia das praias caribenhas. É um balé bronzeado, carrega nosso swing. Trabalha com nossa emoção. Sintetiza nossos sonhos, entre eles o maior de todos, o da liberdade com paz.

Foto: Divulgação



Prédio do Ministério do Interior, na Praça da Revolução é um dos cartões postais de Cuba

Ilha é fábrica de ritmos

Só o amor quase exagerado à música e à dança pode explicar o fato de um país tão pequeno quanto Cuba ter gerado tantos ritmos que ganharam o mundo, como rumba, mambo, cha-cha-cha e o bolero, embora alguns, como este último, também sejam reivindicados pelo México e outros países.

Abaixo, alguns dos ritmos que os cubanos garantem ser seus:

Sucusuco – parecido com o pasodoble espanhol.

Son – é o mais tradicional dos ritmos cubanos.

Cha-cha-cha – surgido nos anos 50, virou febre mundial.

Rumba – de forte influência africana, também ganhou o mundo.

Guaguancó – outro ritmo de fortes raízes africanas.

Guaracha – parecido com o son, mas mais agitado.

Conga – para dançar a dois, é bem conhecido dos brasileiros.

Pilón – imita os movimentos de sementeira do café.

Mozambique – nasceu na fértil década de 60.

Dengue – nada tem a ver com a doença que tanto incomoda.

Danzón – é a música para dançar por excelência.

Zapateo – dança camponesa.

Papalote – outra dança da gente do campo.

Bolero – polêmico, sua origem é disputada também pelos mexicanos.

A poucos quilômetros de Santiago de Cuba, no Parque Bacanao, reserva florestal que adentra as montanhas de Sierra Maestra, existe um surpreendente Vale da Pré-História, com 196 dinossauros e outros animais pré-históricos esculpidos em pedra.

Para dançar em Varadero

Uma boa dica é o bem conhecido Habana Club, com aulas de salsa e show. Pista muito animada. Fica no Hotel Palma Real. 2ª Av. entre 61 e 62. Tel. (45) 61-4555.

Outra é o Mambo Club, salão de danças caribenhas. Aulas na pista e show. No Gran Hotel, na carretera Las Morlas. Tel. (45) 66-8230.

Há também o Cabaret Continental, no Hotel Internacional. Av. Las Americas. Tel. (45) 66-7038.

O leito de uma das ruas da Plaza de Armas, em Havana, é de madeira, talvez a única do gênero no mundo. A explicação é fácil: um dos vice-reis espanhóis, perturbado em sua sesta pelo barulho das rodas das carroças nas pedras do calçamento, mandou substituí-las.

Sugestões para a sua noite em Havana

La Maison

16 y 7ma. Miramar. Tel. 204-1546

Club Habana

5ª Av. e/188 y 192. Playa. Tel. 204-5700

Café Cantante Gato Tuerto

O entre 17 y 19. Vedado. Tel. 866-2224

Karachi

K esquina a 17. Vedado. Tel. 832-3485

Cabaret Las Vegas

Infanta y 25. Vedado. Tel. 870-7939

Salón Boleros Dos Gardenias

26 y 7 ma, Playa. Tel. 204-2353

Jazz Café

1ª y Paseo. Vedado. Tel. 55-3302

Ipanema

Hotel Copacabana. Playa. Tel. 204-1037

La Cecilia

5ª Av. esq. A 110. Playa. Tel. 204-1562

El Cortijo

Hotel Vedado O 244. Vedado. Tel. 33-4072

Turquino

Hotel Habana Libre, L e/23 y 25. Vedado.

Tel. 55-4011

Habana Café

Hotel Meliá Cohiba. Paseo e/1ª y 3ª.

Tel. 33-3636

Macumba Habana

222, esq. a 37. San Agustín. Tel. 33-0568

Karaokê Plaza

Hotel Plaza. Neptuno y Zulueta.

Tel. 860-8583

Parisién

Hotel Nacional. Tel. 33-3564

Copa Room

Hotel Riviera. Paseo e/1ª y Malecón. Vedado.

Tel. 33-4051

Pico Blanco

O 206 e/23 y 25. Vedado. Tel. 33-3740

Salón Rojo

Hotel Capri. 21 y N, Vedado. Tel. 33-3747

Chan Chan Club Marina Hemingway

248 y 5ª Av. Santa Fé. Tel. 204-4698

La Zorra y El Cuervo /Jazz Club

23 e/N y O. Vedado. Tel. 66-2402

Cocodrilo, Humor Club

3ª e/10 y 12. Vedado. Tel. 53-5305

Habana Club

Av. 3ª y 86. Miramar. Tel. 204-2902

Delirio Habanero Piano Bar

Teatro Nacional. Paseo y 39. Tel. 873-5713

Mi Habana Café Cantante

Teatro Nacional. Paseo y 39. Tel. 873-5713

Em Havana, um encontro com o tempo

Foto: Milton Saldanha



Centro de Havana, com o transporte típico do Cocotaxi

La Habana ou simplesmente, para nós brasileiros, Havana, capital e porta de entrada de Cuba, deita-se, sensual e caprichosa, em seus mais de 700 quilômetros quadrados, ao longo do litoral, como se quisesse ser beijada por inteiro pelo mar. Ciumento, a vigiá-la, ergue-se altaneiro, do outro lado da baía, o Forte Del Morro, que, juntamente com a curva do Malecón, a avenida litorânea, constitui o mais conhecido cartão postal da cidade. Diante do Malecón construiu-se ao longo dos séculos o centro antigo da capital, cujo valioso conjunto arquitetônico, formado por ruas estreitas, velhos palacetes e palácios e amplas praças repletas de monumentos, é considerado pela ONU Patrimônio da Humanidade.

Prosseguindo-se à beira mar, chega-se à moderna Havana, de largas avenidas arborizadas e dos altos edifícios dos hotéis, com seus restaurantes, e cafés. Entre os dois conjuntos ergue-se o agradável bairro do Vedado, onde antigamente vivia a aristocracia e que hoje é o centro comercial, também abrigando bons hotéis, inclusive o famoso Nacional, outro postal da cidade, correspondendo ao que o Copacabana Palace é para o Rio de Janeiro e que ostenta em suas paredes painéis de fotos das muitas celebrações das artes e da política que ali se hospedaram em outros tempos.

A atividade de pedestres é intensa na cidade de pouco menos de 2 milhões e meio de habitantes mas o tráfego rarefeito de veículos – para os padrões das grandes cidades brasileiras – e o jeito tranqüilo dos cubanos dá ao visitante uma sensação de calma, pouco comum nas metrópoles. Os velhos carros americanos da década de 50, alguns deles perfeitamente conservados, fazem da capital cubana um verdadeiro Museu do Automóvel a céu aberto e deixam enlouquecido qualquer colecionador. Também enlouquecidos devem ficar os arquitetos e urbanistas, com a excêntrica mistura de estilos, capaz de juntar num único prédio elementos neo-góticos, mouriscos, neo-clássicos e o que mais possa haver e ainda assim serem bonitos e harmoniosos. Algumas dessas edificações estão perfeitamente conservadas, a falta de recursos impediu sua recuperação de outras, que servem de residência, de maneira um tanto precária, para numerosas famílias.

Uma das ruas mais agradáveis e movimentadas do centro velho é a Obispo, que liga a

maravilhosa Plaza de Armas, de antigas construções, incluindo os palácios dos vice-reis espanhóis, hoje transformados em museus, a outra não menos maravilhosa praça, ainda que de estilo totalmente diferente, o Parque Central, onde estão edificações como as do Gran Teatro e de velhos e elegantes hotéis, como o Inglaterra, em cujos alpendres pode-se sentar para tomar uma cerveja e observar o movimento.

Ainda no centro velho, não se pode deixar de visitar dois estabelecimentos tradicionais, o La Bodeguita, boteco que serve o mesmo cardápio (de comida cubana) desde que foi fundado há mais de sessenta anos; e o La Floridita, bar freqüentado pelo escritor Ernest Hemingway. Em ambos a melhor pedida é o mojito, uma espécie de caipirinha feita com o maravilhoso rum cubano.

O imperdível Museu da Revolução, situado no prédio do antigo Palácio Presidencial, permite uma viagem pela história do país, do descobrimento aos dias de hoje, com a descrição das lutas de seu povo, e exige no mínimo umas duas horas de atenção do visitante. Num anexo, pode-se ver o *Granma*, o mítico iate em que Fidel Castro e seus companheiros desembarcaram na ilha em 1957 para dar início à guerrilha. Outro passeio interessante é a uma antiga fábrica de charutos (feitos inteiramente a mão) e a uma não menos artesanal fábrica de rum (com direito a berbercos de deixar qualquer um de perna bamba).

Seria necessário muito mais espaço do que o disponível para se falar das muitas atrações de Havana. A melhor recomendação que se pode dar ao turista talvez seja a de simplesmente sair caminhando pelo centro, para visitar os numerosos palácios, igrejas e museus e, sobretudo, para fazer contato com seu alegre e hospitaleiro povo. Música e dança estão por toda parte e é difícil entrar-se num restaurante ou café sem que haja um conjunto ou orquestra tocando. Ao cair da tarde, é imprescindível cumprir outro rito e tomar um sorvete na famosa Coppelia, sorveteria ao ar livre e ponto de encontro dos habaneros. Nas noites quentes famílias inteiras e casais de namorados distribuem-se ao longo dos sete quilômetros do Malecón, numa verdadeira festa popular espontânea, que contribui para justificar ainda mais a fama da capital cubana de uma cidade alegre e romântica.

Rubem Mauro Machado

Interior de Cuba preserva herança colonial



Rubem Mauro Machado

Cuba oferece um vasto leque de atrações turísticas, afora o tradicional eixo Havana-Varadero. É claro que a capital, com o conjunto arquitetônico de seu centro velho, declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco, seus palácios e palacetes, museus, suas belas avenidas arborizadas, praias, centros culturais e fervilhante vida noturna; e Varadero, com seus refinados hotéis e praias de areia fina e águas azuis sempre tépidas, são destinos indispensáveis aos turistas. Mas nossa pequena equipe do **Dance** de dois brasileiros, depois de uma semana de desfrute desses pontos tradicionais, decidiu dedicar a segunda semana de viagem à exploração do interior da ilha num carro alugado.

Pouca gente sabe, mas a Havanatur, órgão que administra o turismo cubano, oferece uma série de excursões temáticas pelo interior: roteiros especializados para ciclistas, para mergulhadores, para trilheiros, para observadores de pássaros (que nas migrações aportam nas matas em grandes quantidades) e até para grupos de pára-quedistas, para só citar alguns. Em nosso caso, interessava-nos sobretudo conhecer as cidades do período colonial e locais de interesse histórico. Infelizmente a insuficiência de tempo nos obrigou a cancelar a ida a Santiago, segunda maior cidade de Cuba e sua primeira capital, a “pérola das Antilhas” enclavada nas montanhas, nas vizinhanças do Parque Nacional de Sierra Maestra.

Dúvidas

Duas questões costumam inquietar o turista: poderá viajar com conforto, sabendo-se das restrições econômicas causadas pelo bloqueio de mais de quatro décadas dos Estados Unidos? E, poderá dispor de um bom carro e de boas estradas?

Depois de percorrermos mais de metade do país de Fidel Castro, podemos responder com segurança *sim* às duas perguntas. Cuba está hoje preparada para o turismo internacional como poucos países das Américas. Hotéis e resorts de nível internacional, em regime de parceria do Estado com a iniciativa privada (especialmente com a cadeia espanhola Meliá) espalham-se por toda a ilha, com todas as comodidades, serviços, programas e divertimentos que se pode esperar de uma estação de veraneio. Nos resorts, o regime é de Boca Livre Total, isto é, os restaurantes e bares estão abertos 24 horas, com comida e bebida franqueadas e em alguns bufês a fatura chega a beirar o exagero. Os parques aquáticos são enormes. À noite a festa rola, esquentada pela salsa e o maravilhoso rum local. É isso tudo a preços considerados como os melhores de todo o Caribe. Pode-se pagar tudo em dólar, mesmo nos rincões mais remotos, do cinema ao supermercado.

Carros importados são fáceis de alugar e as



Um tesouro chamado Trinidad

estradas, asfaltadas, oscilam entre razoáveis e boas. Há porém um sério complicador para o viajante: a sinalização. Seja por motivos de segurança (o medo de uma invasão), por uma questão cultural ou por mera economia (nenhum cubano foi capaz de nos explicar a causa), o fato é que as cidades e rodovias do país não têm sinalização; e a pouca que existe é geralmente confusa. Isso torna qualquer passeio uma aventura. Assim, se o turista não falar espanhol e, acima de tudo, não for capaz de entender bem o espanhol-metralhada típico dos cubanos, nossa recomendação é de que viaje pelo interior nos modernos ônibus de excursão. Se insistir em fazê-lo de carro, deve contratar um motorista ou pelo menos um guia cubano, sob risco de pegar a estrada errada. Outra recomendação é para que nunca viaje com menos de meio tanque, já que os postos não são tão numerosos quanto no Brasil. O preço da gasolina (para os estrangeiros) é equivalente à nossa.

História

De Havana partimos para a famosa Playa (praia) Girón, situada na península de Zapata, muito procurada por caçadores e mergulhadores, distante 200 quilômetros e local da invasão de 1961 patrocinada pelos Estados Unidos. Ao optarmos, depois de Jagüey Grande, ao invés do caminho mais fácil, por uma difícil estrada vicinal, fomos recompensados pela visão do marco que registra o ponto máximo a que os invasores conseguiram chegar. O museu de Playa Girón, com suas fotos, armamentos e documentos, permite que se tenha uma idéia da ferocidade da luta, que durou 72 ho-



Cena cotidiana na vida calma de Cienfuegos

ras e terminou com a derrubada de 11 aviões de bombardeio, vários navios avariados, mais de 200 mortos pelo lado dos invasores, mais de 100 pelo lado das forças da Revolução, numerosos feridos de ambos os lados e a captura de todos os 1197 atacantes remanescentes.

Jóias barrocas

De lá, sempre viajando entre o mar e a montanha, tomamos o rumo de Trinidad, jóia colonial fundada pelos espanhóis e que conheceu seu esplendor nos séculos 17 e 18, com a riqueza produzida pelo tabaco, açúcar e criação de gado. Lembra um pouco a nossa Tiradentes mineira, alguns sobrados evocam São Luís do Maranhão, embora sua arquitetura barroca seja de diferente qualidade, com uma influência que a mim pareceu mourisca. São admiráveis os portais e balcões em ferro trabalhado de suas casas e palácios, assim como o altar da catedral, elaborado com madeiras preciosas. Declarada em 1988 Patrimônio da Humanidade pela Unesco, a pacata cidade proporciona a quem passeia por suas ruas a sensação de uma curiosa viagem pela máquina do tempo.

Cienfuegos, a parada seguinte, nos possibilitou a descoberta de outra encantadora cidade colonial, só que muito maior e cheia de vida. Única cidade cubana fundada por franceses, plantada ao pé de uma bela baía, a “Pérola do Sul” está semeada de palácios e palacetes em estilo neoclássico francês. Atração imperdível é o Palácio de Valle, inacreditável construção de 1917, uma mistura sem pé nem cabeça, mas ainda assim atraente, de estilos como neo-gótico, neo-clássico e

mourisco. O Parque José Martí (uma praça, apesar do nome) oferece um dos cenários urbanos mais bonitos que vimos, com o conjunto de palácios, catedral e o velho teatro Tomás Terry. O Jardim Botânico, um dos mais completos do mundo, conta com mais de 2000 espécies de plantas tropicais, muitas delas raras, espalhadas por 93 hectares. Uma alegria inesperada foi participar, na manhã de domingo, de um baile ao ar livre na principal avenida da cidade, o Paseo Del Prado, animado por uma excelente banda formada por músicos tão velhos quanto seus instrumentos. Infelizmente não pudemos retornar para o baile marcado para a tarde.

Sempre ao pé da serra de Escambray, detivemo-nos em Sancti Spíritus, fundada em 1514, mais uma cidade colonial de ruas tortuosas. Uma das atrações é a ponte sobre o rio Yayabo, em pedra de cantaria: embora inaugurada em 1825, ela lembra uma ponte medieval. De lá rumamos para Camagüey, capital da província de mesmo nome, a maior do país. Movimentada cidade industrial, tem um centro moderno, com grandes praças arborizadas. Mas preferimos ficar num hotel no centro velho, um pitoresco labirinto de ruelas de casas de paredes de ladrilho e telhas de barro. A cidade tem um comércio intenso e é cheia de museus. Um de seus orgulhos é o Balé de Camaguey, companhia de balé clássico que já esteve no Brasil e que se apresenta com frequência na Europa; tivemos o privilégio de assistir a um de seus ensaios.

Che e Viñales

No regresso à capital, foi imprescindível parar em Santa Clara, para visitar o Memorial Ernesto Che Guevara. Em meio a um parque, ergue-se a estátua de bronze de sete metros de altura do guerrilheiro, representado com um fuzil na mão direita e o braço esquerdo na tábua, exatamente como participou da última e decisiva batalha da Revolução, em dezembro de 1958. Numa sala repousam os restos mortais de Che e seus companheiros caídos na guerrilha da Bolívia e em outra funciona um pequeno museu.

Cruzamos depois a cidade para conhecer o local do combate em que os guerrilheiros descarrilaram o trem blindado que o ditador Fulgêncio Batista enviara contra eles. Mediante o pagamento de um dólar, pode-se entrar nos vagões preservados como museu e conhecer detalhes do combate.

De volta a Havana, tiramos um dia para visitar o Vale de Viñales, na província de Pinar Del Rio, a mais ocidental do país. O passeio é imperdível. Situada a 150 quilômetros da capital, a região, considerada produtora do melhor tabaco do mundo, ganhou da ONU o título de Reserva da Biosfera, pela riqueza de suas matas e rios. Nos belos vales, semeados de palmeiras típicas e onde erguem-se montanhas de duas cordilheiras, existem diversos hotéis, destinados sobretudo aos turistas que apreciam trilhas e a integração com a natureza. Por falta de tempo, não fomos à praia de Maria La Gorda, tida como uma das mais bonitas do país e muito procurada para mergulho.

É bom dizer que, em todas as nossas andanças por Cuba, praticamos intensamente o que na gíria local se chama “coger botella” ou simplesmente “botella”: a arte de dar e pedir carona. Cada pessoa que vamos recolhendo pelo caminho significou um interessante intercâmbio de experiências e lições de vida, contribuindo para enriquecer uma viagem que nunca esqueceremos. E como é bom estar num país em que ninguém tem medo de pedir e oferecer carona a um desconhecido!



Museu Nacional da Dança mostra raridades de inestimável valor

Pois é, acreditem, Cuba tem um inédito museu totalmente dedicado à dança. Com horários, funcionários, guias, etc., como em qualquer outro museu. Não é uma maravilha? Alguém conhece outro museu assim no mundo?

O Museo Nacional de la Danza foi inaugurado em 1998, como parte dos festejos dos 50 anos de criação da escola e companhia de balé que se tornou o Ballet Nacional de Cuba.

Quem teve a idéia e montou o museu foi a bailarina e coreógrafa Alicia Alonso, contando com todo o apoio do governo. Ocupa um sobradão de esquina e se divide em vários ambientes, com vitrines onde aparecem figurinos, jóias e objetos usados em grandes espetáculos por celebridades do balé, tanto cubanas como estrangeiras, em diferentes períodos. Há também livros, jornais e revistas sobre dança, de diferentes épocas, alguns deles valiosos arte gráfica. São raridades preciosas, que acabariam perdidas e destruídas se não existisse o museu. Chama especial atenção um livro antigo sobre um dos maiores bailarinos do mundo em todos os tempos, o russo Nijnsky, com seu nome no título. Uma pena que não tenha uma reprodução fotográfica, fora da urna, que se pudesse folhear. Fica a idéia. Há também um programa original de balé russo de 1920.

Uma das partes mais valiosas do acervo são as pequenas esculturas, desenhos e pinturas com motivos exclusivamente de dança, tanto clássicas como populares,

de diferentes pintores e épocas. Alguns dos mais importantes artistas plásticos cubanos estão representados no museu. Os destaques são Ricardo Reymena, pintor de danças, muito conhecido na ilha, e Carlos Henrique, um dos influentes pintores contemporâneos do século passado. O Brasil está representado pelo pintor Nilson Penna, que morou em Cuba. E, de inestimável valor, desenhos que Picasso fez de cenários e figurinos para o Ballet de Monte Carlo dançar Nijnsky. Um óleo de Doris Zinkeisen retrata Ana Pavlova, que dançou três vezes em Cuba. E, como não poderiam faltar, cenas do sincretismo afro-cubano, traço fortíssimo da cultura local. A marca política, presente em quase tudo em Cuba, fica por conta de um óleo de Ricardo Reymena que reproduz cena da montagem de "Holocausto do Vietnam", pelo Ballet Nacional de Cuba, com coreografia de Alberto Alonso.

A peça mais antiga e valiosa do Museo Nacional de la Danza é de 1700, um diagrama para coreografia de balé. Deve ser única no mundo. Oitenta por cento do acervo está dedicado ao balé clássico, com destaque para o material doado por Alicia Alonso. Mas a meta da diretoria é ampliar, abrangendo cada vez mais todas as danças.

O Museo Nacional de la Danza fica aberto de terça a sábado, das 11h às 18:30. A visita custa 2 dólares, ou 3 dólares com guia. Permitem fotos, com taxa de 5 dólares. Fica na Line esquina Calle G, Vedado, Havana.



Divorciados e viúvos

Reuna-se num grupo terapêutico especial e gratuito. Todos os sábados, 17h/19h, nos Jardins.

Rua Sampaio Vidal, 1.055 – 1º andar.
Inf. (11) 5528-1845, c/Sonia Maria.

GRANDE BAILE DE TANGO I ENCONTRO TANGUEIRO PAULISTA

27 de novembro, Sábado, 22h
Com show de tango
DJ
R\$ 10,00

Organização: Marcelo Cunha, Karina Sabah, Nelson Lima e Márcia Mello

Salão do Centro de Dança Jaime Arôxa
Rua Domingos Lopes, 90 – Campo Belo

Cia de Dança de Salão

GRANDE BAILE DE FIM DE ANO

Dia 20/11 às 22:00h

Assoc. Dos Subtenentes e Sargentos da Pol. Militar
Rua Vidal de Negreiros, 21 - Próx. ao Shopping D
Estacionamento Gratuito: Av. Cruzeiro do Sul, 260

Programação de Novos Cursos:
Dança de Salão
Tango Intermediário
Contato e Improvisação

Cursos Rápidos:
Salsa
Pagode
Informe-se !

Convite antecipado a R\$ 17,00 - No local R\$ 20,00 - Mesa R\$ 10,00
Reservas: Leticia Martinelli - F: (11) 8128-3562 ou
Cia La Luna - F: (11) 6281-9168 / 6862-1472 - Av. Água Fria, 503 - Santana

NOVO POINT da SALSALSA em MOEMA

TODAS AS SEXTAS

Início: 05/11
a partir das 21:00 hs
DJ FÁBIO REIS

Homem: 15,00 (cons)
Mulher: 10,00 (cons)

Aulas de Salsa GRÁTIS e
Equipe de Personal Dance

Reservas: 5042-4113
www.centraldemoema.com.br
Al. dos Pamaris, 87 - Moema
(ao lado do Shopping Ibirapuera)

Realização

Anuncie!

10 mil exemplares,
ampla distribuição

10 anos divulgando e promovendo a dança

Agora também completo na Internet,
incluindo anúncios

5182-3076 / 5184-0346 / 8192-3012

www.jornaldance.com.br - jornaldance@uol.com.br

PRÓXIMAS ATRAÇÕES

Outubro

- 23, Sábado – Luiz Ayrão. O sambista está de volta em show super dançante!
- 26, Terça – Terça Dançante com participação especial de Roberto Luna
- 27, Quarta – Ritmo das Cores – samba e mulatas com Sandrinha Sargentelli
- 28, Quinta – Dick Danello – Uma Noite á San Remo – romantismo à italiana
- 29, Sexta – É Halloween! É um assombro de festa!

Novembro

- 18, Quinta – Stênio Melo – É aniversário do show man, com bolo e champagne!
- 19, Sexta – Denilson – A “voz” está de volta ao seu palco em Sampa

E outras atrações em confirmação. Consulte nosso site.
Av. Pedroso de Moraes, 261 – Pinheiros. (C/manobristas)
Reservas: (11) 3813-2732 ou com Eliane & Dulce 6748-5039
www.operasaopaulo.com.br • operasaopaulo@terra.com.br

Cuballet 2005

10ª edição no Brasil
O maior curso de verão

Apresenta:
DON QUIXOTE
Espaço Cultural Eldorado

Inscrições abertas

Shopping Eldorado – 3º piso • Tels. (11) 3814-8667 / 3814-5017
Site: www.ececurso.com.br

Bloqueio econômico

O muro invisível



Milton Saldanha

Não basta visitar Cuba. É preciso também entender Cuba. Sua singularidade é absoluta. Ostenta conquistas sociais admiráveis, principalmente nos cuidados às crianças e idosos, e problemas que derivam, em sua maioria, de um crime internacional sem paralelos no mundo: um brutal bloqueio econômico que se arrasta há 45 anos. Ou mais tempo, segundo alguns analistas cubanos. Crime praticado pela maior potência do mundo, os Estados Unidos, contra uma ilha tropical de povo em sua maioria de modesta renda, muito simples, gentil e alegre, que ama dançar e preserva fortes laços culturais com sua história e origens afro e hispânica. Ninguém precisa ser de esquerda ou direita, basta ter discernimento e um mínimo de sensibilidade social, além de vocação democrática, para não aceitar essa prepotência. No meu caso, como conheço de ponta a ponta os Estados Unidos, país que admiro em muitos aspectos, falo sua língua, e onde fiz grandes amigos, a incomodação foi crescendo a medida em que desbravava Havana e o interior cubano, porque isso me permitiu comparações muito claras. Trata-se de uma super potência esmagando um pequeno país. O bloqueio contra Cuba é uma covardia inominável. Mas, por favor, em hipótese alguma se deve confundir povos com governos. Nem cair em generalizações perigosas. A forte oposição a Bush dentro dos EUA, principalmente nos meios mais esclarecidos e intelectuais, é exemplar. *(Escrevo antes das eleições)*. Todo mundo sabe que Bush se elegeu com fraudes na Flórida. Nunca representou, portanto, imensa parcela do povo norte-americano, formada por gente decente e favorável à paz. O esclarecimento é indispensável para deixar claro que aqui todas as críticas referem-se à decisões governamentais e não devem ser interpretadas como sentimentos contra cidadãos dos Estados Unidos. Há inclusive muita gente nos Estados Unidos, principalmente empresários prejudicados pela perda de mercados, que não concordam com o bloqueio.

No próximo dia 28 de outubro a assembléia geral da ONU aprecia informe detalhado encaminhado por Cuba ao secretário-geral Kofi Annan. Os dados são impressionantes. Quando estávamos em Cuba, este documento foi apresentado pelo chanceler Felipe Pérez Roque à imprensa internacional, na TV cubana e no jor-

Há 45 anos os Estados Unidos impõem um pesado bloqueio econômico contra Cuba. O objetivo é semear a fome e a escassez entre o povo para desestabilizar o governo. Cuba depende de muitas importações e por causa do bloqueio alguns produtos chegam a custar de três a cinco vezes mais, inclusive medicamentos, em muitos casos distribuídos gratuitamente à população. Trata-se de um crime internacional repetidamente denunciado na ONU, como voltará a acontecer no próximo dia 28 de outubro. Este tema é pouco conhecido no Brasil porque é proibido pelos patrões da grande imprensa.

Solidário com o povo cubano, Dance denuncia aqui esse escândalo sem paralelos no mundo e talvez até na História.

nal "Granma". Antes de entrar em sua apreciação acho interessante situar o leitor em alguns antecedentes históricos, que permitirão uma visão de conjunto e melhor entendimento da questão cubana.

Antes da Revolução vitoriosa em 1959 Cuba era um balneário da máfia, que construiu seus grandes hotéis e cassinos. Enquanto o povo vivia na mais absoluta miséria e opressão, sob o regime de torturas e corrupção do ditador Fulgencio Batista, um ex-sargento que tomou o poder com um golpe em 1952, milionários e remediados norte-americanos tratavam a ilha como seu divertido quintal. Ali chegavam para jogar nas roletas, se deliciar nas piscinas e praias paradisíacas, e para perversões sexuais, sobretudo com menores carentes. De simples marinheiros, como denuncia uma foto no Museu da Revolução, em Havana, aos mais famosos bandidos engravatados dos anos 40 e 50, todos tinham na ilha um paraíso com mordomias e serviços nativos ao dispor em tempo integral.

A farra acabou quando os guerrilheiros barbudos liderados por Fidel Castro desceram da Sierra Maestra e empolgaram o país de oriente a ocidente, numa marcha triunfal que durou muitos dias, entre combates ou com a simples deposição de armas dos desmotivados soldados de Batista. Na famosa festa de reveillon no palácio presidencial, ao nascer do ano de 1959, Batista fugiu. A alta sociedade que lá estava entrou em pânico e perdeu a compostura. Madames corriam segurando os vestidos longos e deixando sapatos e chapéus pelo caminho. Enquanto os barões em fuga, vestidos com casacas pretas, ligavam os motores dos seus iates e aviões, ainda com confetes da festa sobre os ombros, já se ouviam nos bairros de Havana os tiros das colunas guerrilheiras tomando a cidade durante a madrugada. Muito antes da fuga Batista saqueou os cofres públicos. Nas dezenas de malas que já tinha enviado para Miami não havia roupas, só dólares, em espécie. No total, Batista e os demais bandidos do seu governo, que foram virar prósperos empresários em Miami, além de financiadores de terroristas, levaram US\$ 424 milhões do povo cubano. Se hoje isso é muito dinheiro, imaginem então naquela época. Restaram em caixa menos de 100 mil pesos. O governo norte-americano, nas gestões Einsenhower e Kennedy (1953-63), deu asilo aos ladrões e assassinos, ao invés de prendê-los e repatriar

o dinheiro. Batista ficou em Miami até morrer, numa mansão-bunker, sem trabalhar e cercado de guardas costas e muito luxo, liderando a colônia exilada com o estilo de vida típico dos gangsters.

Ao rodar por Cuba, como a equipe do **Dance** fez por vários dias, percorrendo de carro mais da metade da ilha, só aí percebe-se que a luta revolucionária foi uma verdadeira epopéia. É impressionante imaginar que aqueles poucos jovens, apenas 80, mal armados, com precários equipamentos, mas tomados de total determinação, de vida ou morte, tenham iniciado a luta enfrentando tanques, aviões e um exército infinitamente maior. Para quem conhece a História, é momento de grande emoção visitar em Santa Clara o museu do trem blindado, última resistência significativa de Batista. O trem foi atacado com coquetéis molotov e descarrilado pela coluna rebelde comandada por Che Guevara. A tropa do governo, com armamento pesado e farta munição, teve que se render para não morrer queimada. Os guerrilheiros não venceram sozinho. A adesão popular, camponesa e urbana, foi decisiva, sobretudo na fase final da campanha, a partir da vitória de Santa Clara, quando a queda do tirano já se configurava como irreversível.

Mudanças

Os Estados Unidos são o país mais democrático do mundo. Desde que não se discorde dos Estados Unidos. Nem se questione os interesses do seu capital. Cuba ousou acabar com a farra deles. Encampou suas empresas, começando pelas usinas de açúcar, níquel, tabaco e rum, os esteios da economia da ilha antes da abertura para o turismo, hoje carro chefe. Expropriou fazendas e fez a reforma agrária, criando cooperativas agrícolas. Fechou seus cassinos e bordéis. Transformou mansões em hospitais, escolas, casas para estudantes, espaços culturais, repartições, etc. Extirpou a especulação imobiliária, criando regras civilizadas para o uso da propriedade. Cerca de 85% das famílias são donas de suas casas e não existe IPTU. Podem ter uma segunda propriedade para veraneio. As demais famílias pagam aluguéis irrisórios, que são transformados em crédito para aquisição do imóvel. E lá não existe essa monstruosidade que aqui se convencionou chamar cinicamente de "morador de rua", como se fosse

possível alguém morar na rua. Isso não significa que tenha superado o problema do déficit habitacional, um dos seus gargalos mais dramáticos, juntamente com o de transporte público.

Em Cuba não existe imposto sobre salário, ao contrário do nosso discutível "retido na fonte". Saúde e educação, em todos os níveis, desde a pré-escola, são gratuitos. Além disso, as crianças almoçam na escola. Existem cantinas de empresas, com bons almoços, incluindo sucos, por três ou cinco dólares mensais, ou seja, menos de 30 centavos por refeição em 25 dias úteis. Nas internações hospitalares, inclusive para transplantes, além da cirurgia o paciente recebe todos os remédios de graça. Todas as famílias recebem uma cesta básica subsidiada, a famosa libreta, equivalente ou abaixo do preço de custo. Sim, existe racionamento, mas para que todos comam. Sim, há escassez de muitas coisas, mas logo adiante você entenderá as razões.

Limite-me aqui ao que achei mais importante e possível de resumir, mas existem muitas outras conquistas da Revolução. O próprio Papa João Paulo II, quando visitou Cuba em 1998, elogiou seus indicadores sociais, além de pedir o fim do bloqueio. Problemas? Também são muitos, como em qualquer país. Mas não existe o pior de todos, a violência. Você pode caminhar tranqüilo, não há assaltos. Algo impensável no Brasil — dar carona — em Cuba acontece a cada segundo, mesmo nos lugares mais improváveis, como estradas margeadas por matas. Para nós, de uma sociedade estressada que vive em pânico, isso é inacreditável. Aderimos ao hábito solidário em toda a viagem, com nosso carro alugado. Carona lá é "botella" (garrafa). Como carona é sempre para um trecho, essa giria vem da idéia de tomar um gole, ou dar um gole. Perdemos a conta das pessoas que pegaram "botella" conosco. As mais diferentes, como médicas, advogados, engenheiros, professoras, estudantes, dançarinas e bailarinas, donas de casa, aposentados, camponeses e até desocupados. Os mais variados perfis. Isso nos ensinou a feliz oportunidade de conversar muito com o povo, fazendo sempre, claro, muitas perguntas. O apoio a Fidel Castro é impressionante. Com a chapa vermelha no carro (cor dos alugados) e nosso carregado sotaque no "portunhol", de cara sempre denunciando os turistas, não haveria razão para que mentissem. E somos jornalistas, acostumados a entrevistas, a perceber quando alguém é sincero ou simula. Um rapaz, negro, queixou-se do racismo. Como no Brasil, é dissimulado, mas existe.

É bom observar que vigora a pena de morte, que não é sumária como dizem, e sim passa por longo ritual processual em várias instâncias, com direito a ampla defesa. Ocorrem furtos, inclusive residenciais. A condição de ilha, sem fronteiras secas, torna praticamente impossível o roubo de carros. Alguns pilantras, inclusive manobristas, levam acessórios e ferramentas, sempre de bom valor para atender a predominante frota de carros antigos. Se você alugar um carro fique muito atento. Isso, comparado com nossa violência, chega a ser ingênuo. Eu trocaria um ano desses pequenos delitos por um único dos grandes crimes diários que temos aqui.

Cuba ousou muito ao resgatar sua dignidade como nação. O preço a pagar por tudo isso

é o bloqueio. Uma covardia inqualificável quando se compara a ilha com os Estados Unidos, em qualquer sentido. O custo do bloqueio para Cuba é da ordem de US\$ 1,8 bilhão/ano. Para uma ilha pequena, de 107.145 km quadrados, incluindo a Ilha da Juventude, e 11,2 milhões de habitantes, é um custo absurdo. Projetados sobre 45 anos, montam no acumulado supostamente prejuízos de US\$ 81 bilhões. É dinheiro suficiente para financiar uma segunda revolução social e tecnológica, que já teria livrado os cubanos da escassez e de outros problemas que ainda não conseguiram resolver. Um deles na prospecção de petróleo, que está muito abaixo de suas necessidades, com reflexos muito sérios nos transportes. Cuba vive o chamado "Período Especial" desde a dissolução da URSS, em 1991. Como se tivessem invertido a roda do tempo, numa forçada volta ao passado, parte do transporte coletivo no interior voltou a ser feito em carroças. Elas disputam espaço nas estradas estreitas com multidões de ciclistas, carros, ônibus, caminhões, tratores, formando um tráfego heterogêneo, perigoso e confuso. Vendo aquelas carrocinhas pelas encantadoras cidades do interior, e a simplicidade do povo, a todo momento a gente se perguntava: como podem os governos dos Estados Unidos conspirarem tanto contra a felicidade dessas pessoas? Como pode o mundo fechar os olhos a isto?

Os ideólogos do bloqueio não pensam em limites para prejudicar Cuba. São muitas as restrições, mas vou apontar só algumas mais conhecidas: Qualquer navio que aporte em Cuba fica proibido de ancorar em qualquer porto dos EUA durante seis meses. Qualquer país que negocie com Cuba, mesmo que sejam botões de camisas, sofre pressões e retaliações, com riscos de perder inclusive outros mercados, de países tutelados por Washington. O Ballet Nacional de Cuba foi autorizado a fazer turnê pelos EUA desde que não cobrasse ingressos. Deixou de faturar pelo menos US\$ 200 mil. Cuba depende muito de importações e tudo que compra chega por vias colaterais, que duplicam ou triplicam os preços. Há casos dramáticos, de equipamentos de saúde e medicamentos que não podem entrar. Um jovem cego teve que pagar quatro ou cinco vezes mais por uma máquina de método Braille. Turistas norte-americanos visitam Cuba, via México, mas seus passaportes não são carimbados. Se forem flagrados as multas podem chegar a US\$250 mil para pessoas físicas e a US\$1 milhão para empresas. Quem se recusar a pagar pode ser preso com penas de até dez anos. Há casos comprovados dessa truculência no país que se gaba de sua democracia. Por causa dessa restrição calcula-se que 6,5 milhões de norte-americanos deixaram de ir a Cuba nos últimos cinco anos. Os ingressos teriam sido de US\$4 bilhões. O país tem dificuldades de acesso a créditos em bancos de fomento internacional para investimentos em infra-estrutura. Proíbe-se até o comércio com subsidiárias de empresas norte-americanas instaladas em outros países, em flagrante violação aos interesses comerciais desses países. As medidas do bloqueio são fiscalizadas por uma agência criada no governo Bush especialmente para isso. O número de agentes é cinco vezes maior do que o dedicado a rastrear as finanças da rede terrorista Al Qaeda. Essa agência, de 1990 a 2003, fez 10.683 investigações de cidadãos que viajaram a Cuba, que totalizaram US\$ 8 milhões em multas. Cuba não pode comprar medicamentos, nem vacinas para crianças. Repito, nem vacinas para crianças. Uma subsidiária européia da Chiron

Co. forneceu dois tipos dessas vacinas e foi multada em US\$ 168.500. Como Cuba investe muito em educação, sua sorte é que conta com uma medicina conceituada, que inclusive já exportou vacinas para o Brasil e outros países.

Segundo o chanceler Felipe Pérez Roque, sem o bloqueio Cuba poderia construir por ano 100 mil novas moradias, beneficiando 2,5 milhões de pessoas. Supriria com gás de cozinha 2,4 milhões de pessoas que ainda não são atendidas. Duplicaria a cota de frango distribuída na cesta básica. E ainda sobriariam recursos para investir na recuperação e ampliação da geração elétrica, pondo fim aos apagões.

Outros riscos

Como se tudo isso fosse pouco, existe o permanente risco de invasão militar. Não é fantasia. As provocações são constantes, com violação do espaço aéreo. A lei Helms-Burton, que arrouchou o bloqueio econômico em 1996, foi sancionada por Bill Clinton como represália depois que dois migs cubanos abateram dois aviões civis que partiram de Miami para despejar panfletos sobre Cuba. Os pilotos eram reincidentes e já tinham sido advertidos publicamente que se voltassem seriam derrubados.

Rezemos para que nunca aconteça. Cuba não é Granada. Uma invasão não seria um passeio. Espera-se que a irracionalidade de Bush ou de quem estiver na Casa Branca nunca chegue a tal ponto, pois seria um grande erro militar e político. Os cubanos estão sempre preparados para esse risco e treinam suas táticas pelo interior até nos fins de semana. Todas as pessoas, inclusive moças, aprendem a atirar. Praia Girón, bastou uma. Espero que tenha deixado lições definitivas. Para quem não sabe, foi a invasão em abril de 1961 de uma brigada mercenária de 1500 homens, com armamento pesado, para uma guerra de verdade, com apoio aéreo e naval. O pau foi feio. Fidel comandou a defesa e ficou célebre o tanque que operou pessoalmente, atingindo em cheio o encouraçado Houston. Os invasores, que pretendiam consolidar posições na praia para novos desembarques, e ocupar a rodovia central, dividindo e isolando o país, foram derrotados em menos de 72 horas.

O problema dos Estados Unidos com Cuba não é econômico nem militar. Os norte-americanos vivem muito bem sem Cuba, sem o mínimo tropeço em sua prosperidade. Só teriam a ganhar com relações amistosas e comerciais. Do ponto de vista militar, Cuba só cuida da sua defesa. Seria insulto à inteligência invocar algum tipo de ameaça ao todo poderoso vizinho. A pequena ilha é um espinho cravado no pé do gigante. A questão transcende a política. É de orgulho ferido.

Sou da geração Guerra Fria. Passei anos lendo machetes de jornais que chamavam o muro de Berlim como Muro da Vergonha. Nesses anos todos nunca vi uma única manchete que chamasse o bloqueio a Cuba como Bloqueio da Vergonha. Este é também um muro, que tenta isolar Cuba do resto do mundo e sacrificar seu povo. Uma forma não armada de genocídio, e até mais cruel e maquiavélica porque tenta matar lentamente pela inanição. A única diferença é que faltam as pedras e o concreto. Até nisso este triste muro invisível é pior, porque ao contrário daquele da velha Berlim, este se oculta na farsa da legalidade, não se consegue vê-lo nos horizontes e brumas do mar azul, e assim nos priva da imagem da opressão que precisa ser denunciada como crime contra a humanidade.



Praia Girón, que ficou mundialmente famosa em abril de 1961, com a invasão da ilha



O tanque que Fidel Castro comandou pessoalmente e atingiu em cheio o encouraçado Houston. Hoje é monumento na frente do Museu da Revolução, no centro de Havana.



Fidel festejando com suas tropas a vitória em Praia Girón, que foi retomada em menos de 72 horas depois de sangrentos combates com armas pesadas. A foto foi reproduzida de painel do Museu Girón



O que sobrou do trem blindado, descarrilado por Che Guevara, em Santa Clara, e que decidiu o fim do ditador Batista. O local histórico agora é museu ao ar livre

Cuba esta mais próxima de você!



Terças: Salsa e Merengue com aulas gratuitas e banda ao vivo.

Quartas: MPB ao vivo e após às 23h pista com flash back.

Quintas: Pop Rock nacional e internacional ao vivo e após às 23h pista com flash back.

Sextas: MPB ao vivo e após às 23h pista com flash back.

Sábados: Som ambiente e após às 23h pista com flash back.

Domingos: Ritmos Latinos e Zouk com aulas gratuitas.